



“VIAM A GENTE ASSIM (...), OS NEGUINHOS”: MEMÓRIAS DO RACISMO DURANTE A DISSEMINAÇÃO DA CAPOEIRA EM VITÓRIA DA CONQUISTA-BA (1950-1970)

Jonatan dos Santos Silva¹

Felipe Eduardo Ferreira Marta²

Isabele Pires Santos Soler³

Resumo: Este artigo tem como objetivo abordar as vertentes do racismo geradas durante o processo de disseminação da Capoeira em Vitória da Conquista-BA, analisando os relatos guardados nas memórias dos Mestres de Capoeira, apontados na cidade como os principais disseminadores dessa prática corporal a partir da década de 1950 até 1970. Para tanto, buscou-se como base teórico-metodológica as produções de Nora (1993), Fentress e Wickham (1992), Portelli (1997) e Meihy (2010). As lembranças dos conflitos guardadas na memória dos mestres possibilitaram investigar os meandros do processo de disseminação da Capoeira, e de como o racismo esteve presente ao longo do desenvolvimento histórico da cidade. Os resultados apontam a presença do racismo e exclusão socioeconômica, evidenciando a divisão econômico-espacial, que colocou a Capoeira às margens durante o período evidenciado neste estudo.

Palavras-chave: Capoeira; Memória; Racismo; Vitória da Conquista-BA.

"SAW US LIKE THAT (...), THE BLACKS", MEMORIES OF RACISM DURING THE DISSEMINATION OF CAPOEIRA IN VITÓRIA DA CONQUISTA- BA

Abstract: This article aims to approach the racism aspects generated during the process of Capoeira's dissemination in Vitória da Conquista-BA, analyzing stories kept in the memories of the Capoeira's Masters, pointed out in the city as the main disseminators of this corporal practice until decade of 1950 until 1970. For so on, it was used as teoric-metodological basis the studies of Nora (1993), Fentress and Wickham (1992), Portelli (1997) and Meihy (2010). The memories of the conflicts kept in the master's memories made it possible to investigate the forms of the process of dissemination of Capoeira, and as racism was present in its historical development in the city. The results point out the presence of racist speech, discrimination and socioeconomic exclusion, evidencing the economic-spatial division, which placed Capoeira on the margins during the period evidenced in this study.

Keywords: Capoeira; Memory; Racism; Vitória da Conquista-BA.

¹ Doutorando no Programa de Pós-graduação em Memória: Linguagem e Sociedade na UESB. Professor regente do Colégio da Polícia Militar em Vitória da Conquista-Ba. *E-mail:* jonatandon@gmail.com

² Professor Titular do Departamento de Ciências Naturais (DCN); Docente do Programa de Pós-Graduação em Memória: linguagem e sociedade da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia-UESB; Docente do Curso de Educação Física, vinculado ao Departamento de Ciências da Saúde-DCS da Universidade Estadual de Santa Cruz-UESC; Coordenador do Grupo de Pesquisa CORPORHIS - História, Corpo e Cultura. *E-mail:* fefmarta@gmail.com

³ Mestranda no Programa de Pós Graduação em Memória: Linguagem e Sociedade - UESB. Professora da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia no Departamento de Saúde I. *E-mail:* beuca.isa@gmail.com



“ON NOUS VOYAIT COMME ÇA (...) LES PETITS NOIRS”: DES MÉMOIRES DE RACISME LORS DE LA DIFFUSION DE LA CAPOEIRA À VITÓRIA DA CONQUISTA (1950-1970)

Résumé: Cet article vise à aborder les aspects du racisme déclenchés lors de la diffusion de la capoeira à Vitória da Conquista, par l’analyse des récits gardés dans les mémoires des maîtres de capoeira qui sont considérés les principaux responsables pour la diffusion de cette pratique du corps dans la ville entre les années 1950 et 1970. Les oeuvres de Nora (1993), Fentress et Wickham (1992), Portelli (1997) et Meihy (2010) ont servi de base théorique-méthodologique à cette étude. Les souvenirs des conflits présents dans la mémoire des maîtres ont permis d’investiguer comment cet art a été propagé ainsi que la présence du racisme tout au long du développement de l’histoire de la ville. Les résultats indiquent que la présence du discours de la discrimination et de l’exclusion socio-économique témoignant de la division économique-spatiale qui a placé la Capoeira en marge dans cette période.

Mots-clés: Capoeira; Mémoire; Racisme; Vitória da Conquista-BA.

“ASI NOS HAN VISTO (...) LOS NEGRITOS”: MEMORIAS DEL RACISMO EN LA DISEMINACION DE LA CAPOEIRA EN VITORIA DA CONQUISTA

Resumen: Este artículo tiene como objetivo enfocar los aspectos del racismo generados durante el proceso de diseminación de la Capoeira en la ciudad de Vitória da Conquista-BA, analizando los relatos guardados en las memorias de los Maestros de Capoeira, apuntados en la ciudad como los principales diseminadores de esa práctica corporal desde 1950. Por lo tanto, se buscó como base metodológica las producciones de Nora (1993), Fentress y Wickham (1992), Portelli (1997) y Meihy (2010). Los recuerdos de los conflictos guardados en la memoria de los maestros posibilitaron investigar los meandros del proceso de diseminación de la Capoeira, y de cómo el racismo mostró de la ciudad. Los resultados apuntan a la presencia del discurso racista, de la discriminación y de la exclusión socioeconómica, evidenciando la división económico-espacial, que colocó a la Capoeira a los márgenes durante el período fijado en este estudio.

Palabras clave: Capoeira; Memoria; Racismo; Ciudad de Vitória da Conquista.

INTRODUÇÃO

A primeira vista, a Capoeira remete ao contexto de sequestro, escravidão, sofrimento, luta “disfarçada” em dança, entre outros aspectos. Ao tomarmos o nosso objeto de estudo, podemos notar um grande leque de possibilidades que poderíamos estar desconsiderando se deixarmos de falar sobre a importância dos elementos culturais que constituíram e constituem a dinâmica de desenvolvimento da Capoeira no Brasil e em Vitória da Conquista-BA.

Dessa forma, a Capoeira, enquanto prática corporal, mina uma fonte de gestos, e movimentos com significações, sociais e culturais que revelam valores e saberes transmitidos, por seus próprios meios: corpo e oralidade. O corpo, portanto, é receptáculo de uma Memória e, através dela, guarda, preserva, ensina e dissemina.

Dessa forma, através da História oral, buscamos investigar o processo de disseminação da Capoeira, identificando as tensões e conflitos vivenciados nesse processo de difusão, a partir dos relatos dos Mestres de Capoeira. Essas memórias ainda nos trouxeram outras possibilidades de compreensão do fenômeno envolvido no objeto de estudo, o qual apontou outras vozes, lugares e documentações no intuito de registrarem suas contribuições para o desenvolvimento deste artigo.

Os estudos realizados durante o Projeto de Extensão, “*Capoeira, Identidade Cultural e Educação*” na Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia revelaram questões pertinentes que retratavam as tensões geradas a partir do racismo presente nas escolas da cidade de Jequié-BA. Uma das produções realizadas a partir das contribuições deste Projeto foi a Monografia intitulada “*A Pedagogia de Base Africana e a Abordagem Histórico-cultural no ensino da Capoeira para crianças*”, defendida no curso de Educação Física da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia-UESB, em 2008. Dois anos depois, esta obra foi premiada no Concurso Nacional de Monografias e Dissertações realizado pela Fundação Palmares e pelo Ministério da Cultura.

A repercussão deste trabalho levou a possibilidade de discutir sobre a memória da Capoeira na cidade de Vitória da Conquista-BA⁴ em relação a seu processo de disseminação enquanto possibilidade de prática corporal, a partir de discussões presenciadas nas rodas de Capoeira. Após conversas informais com alguns Mestres de Capoeira sobre esse processo, foi possível perceber a ânsia deles em saber até que ponto sua “verdade” acerca da história da Capoeira na cidade poderia contribuir para a sistematização de uma pesquisa acadêmica de modo que os registros se perpetuassem e fossem acessíveis a outras gerações. Essas conversas apontavam para conflitos que hipoteticamente poderiam ter gerado tensões e disputas durante o processo de disseminação da Capoeira na cidade como um elemento da cultura afro-brasileira e uma prática corporal que possui uma representação significativa no cenário da cultura

⁴ Nesse sentido, foi eleita, como lócus desta pesquisa, a cidade de Vitória da Conquista-BA, localizada no interior da Bahia, “palco de uma dinâmica urbana repleta de contradições e conflitos” (Ferraz, 2001, p. 21). Este autor afirma que o fato de se situar em um “entroncamento rodoviário”, devido à presença da BR 116, “que faz a ligação Norte-Sul do país”, influenciou o desenvolvimento econômico da cidade, que assumiu um papel fundamental enquanto ponto de articulação entre a região Nordeste e o Centro-Sul do País, além de ser a terceira maior cidade da Bahia, com desenvolvimento intensificado “a partir da década de 1940 (...) passando a expandir a sua malha urbana num processo crescente” (p.22).



corporal no Brasil.

Essas angústias resultaram na dissertação intitulada: “Capoeira não pede benção: Memórias da disseminação da Capoeira em Vitória da Conquista-BA (1950-2000)”, defendida em 2018 no Programa de Pós-Graduação em Memória: Linguagem e Sociedade da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia-UESB. Esta pesquisa buscou investigar as tensões e disputas geradas durante o processo de disseminação da Capoeira enquanto possibilidade de prática corporal em Vitória da Conquista-BA a partir de relatos orais dos Mestres de Capoeira na cidade que estabeleceram essas práticas desde a década de 1950.

Os resultados obtidos dessa dissertação trouxeram a necessidade de destacar, neste artigo, as tensões entre o coronelismo e a aversão dos capoeiristas à sociedade vigente, assim como o preconceito racial se disseminou em diferentes setores e de modos diversos, fazendo prevalecer a exclusividade do uso da repressão violenta às práticas culturais negras por parte de agentes do estado.

Neste sentido, este artigo, fruto da dissertação citada, tem como objetivo abordar as vertentes do racismo geradas durante o processo de disseminação da Capoeira em Vitória da Conquista-BA, analisando os relatos guardados nas memórias dos Mestres de Capoeira, apontados na cidade como os principais disseminadores dessa prática corporal, tendo os mestres de Capoeira como guardiões da memória, ainda vivos, como principais fontes orais no processo de constituição da história dessa prática corporal na cidade marcada por tensões e conflitos de cunho socioeconômico e étnico-racial.

A História Oral é entendida, neste trabalho como método e instrumento de coleta de dados, onde utilizamos a história da vida dos mestres de Capoeira que contribuíram para que a capoeira fosse disseminada em Vitória da Conquista-Ba desde as décadas de 1950 até 1970, são eles: O Mestre Donizete, O Mestre Sarará e o Mestre Bell. Inicialmente, estabelecemos os primeiros contatos com eles através de uma conversa informal em suas residências. Em seguida, agendamos as entrevistas, técnica de coleta de dados, para serem realizadas em seus respectivos locais de treinamento. Cada um deles trouxe seus relatos de vida e fotos antigas obtidas durante suas vivências.

As entrevistas duraram, em média, três horas, e foram gravadas com aparelhos de áudio (gravador de voz) e vídeo (câmera filmadora). Estes recursos foram importantes na pesquisa porque puderam revelar aquilo que os informantes esconderam

ou ficaram nas entrelinhas, fazendo-nos olhar uma parte do todo a partir de um sentido primordial para a comunicação, os gestos (Portelli, 1997).

A investigação utilizada a partir deste método contribuiu para a compreensão, recriação e aprendizado crítico do presente, o que possibilitou conhecer as dificuldades enfrentadas nas trajetórias de vida desses mestres. Assim, os seus relatos foram tratados, nesta pesquisa, como memória social, por estarem relacionadas às experiências que cada um viveu em seu grupo social determinado, atribuindo isso às recordações compartilhadas.

Para tanto, buscou-se como base teórico-metodológica as produções de Nora (1993), Fentress e Wickham (1992), Portelli (1997) e Meihy (2010). Esses autores descrevem a Memória Social dentro de uma concepção que prima pela dimensão coletiva da vida de cada indivíduo, “desconsiderando que esta memória não está conectada à vontade coletiva interiorizada” (Fentress; Wickham, 1992).

As categorias de análise foram escolhidas a partir de uma perspectiva crítica. Assim, os conhecimentos do cotidiano são apontados a partir da predominância da disseminação da Capoeira na cidade através do “quintal” e a “rua” como locus de resistência para a constituição da própria identidade, configurando a característica peculiar da Capoeira de Vitória da Conquista-BA. Todos os saberes apresentados, neste estudo, são referências de vida silenciada, uma forma de conhecimento que aponta para uma geopolítica do conhecimento quando abordamos a vida na cidade e a Capoeira. Os dados da pesquisa foram revelados a partir de entrevistas e coleta de relatos orais, seguindo o método qualitativo.

A CAPOEIRA COMO RESISTÊNCIA AO RACISMO NA CIDADE

O processo Histórico-social da Capoeira ainda causa discussões em meio aos autores, tanto em relação a sua ligação direta com as tradições africanas quanto no que diz respeito ao local de origem dentro do próprio território brasileiro. Entretanto, o que nos leva a argumentar, neste momento, sobre a historicidade da Capoeira e suas características, é o fato de que ela remonta elementos vinculados às tradições a partir da memória e ancestralidade. Não é o simples fato de tentar nos remeter ao começo de tudo, e sim, de nos aproximarmos tanto das “questões que a geraram e o que a mantém



em expansão (...)” como de suas “condições e circunstâncias históricas e culturais para que aquele jogo tenha se expandido” (Abib, 2004, p.93).

Assim, é possível relacionar a origem da Capoeira na sociedade tomando por base os seus vestígios em meio ao processo de dominação/escravidão no Brasil. Os primeiros sinais dessa luta no Brasil são marcados pela chegada do indivíduo escravizado, trazido forçadamente da África Ocidental a este país, por volta de 1550. Após a instalação do povo negro no Brasil, o sistema escravocrata primou pelos meios de repressão, ocasionando a emergência de grandes conflitos de cunho étnico-racial e social. Esse processo de colonização deixou feridas abertas que até hoje não foram curadas, já que permanece a luta e a resistência que envolveu fugas e a própria eclosão de práticas culturais no processo de diáspora.

A repressão social, após a instalação destes povos no Brasil, fez emergir grandes conflitos institucionalizados provocados pelo racismo, conforme apontam os estudos da pesquisadora Schwarcz (1993) sobre a questão racial no Brasil. A autora aborda discussões a respeito do tema, contribuindo para o entendimento acerca das concepções de raça existentes no Brasil quando se trata de espaços institucionais no contexto sócio-político-econômico vivenciado no país.

O racismo é geralmente abordado a partir da raça, dentro da extrema variedade das possíveis relações existentes entre as duas noções. Com efeito, ao focarmos as relações entre os termos “raça” e “racismo”, temos que o racismo seria teoricamente uma ideologia essencialista que postula a divisão da humanidade em grandes grupos chamados raças contrastadas que têm características físicas hereditárias comuns, sendo estas últimas, suportes das características psicológicas, morais, intelectuais e estéticas e se situam numa escala de valores desiguais.

Visto deste ponto de vista, o racismo é uma crença na existência das raças naturalmente hierarquizadas pela relação intrínseca entre o físico e o moral, o físico e o intelecto, o físico e o cultural. O racista cria a raça no sentido sociológico, ou seja, a raça no imaginário do racista não é exclusivamente um grupo definido pelos traços físicos. A raça na cabeça dele é um grupo social com traços culturais, linguísticos, religiosos, etc., que ele considera naturalmente inferiores ao grupo ao qual ele pertence. De outro modo, o racismo é essa tendência que consiste em considerar que as



características intelectuais e morais de um dado grupo, são consequências diretas de suas características físicas ou biológicas (Munanga, 2003).

Neste contexto, a emergência da Capoeira, no século XIX no Brasil foi marcada pelo poder exercido durante o período Imperial (1822-1890), em que as verdades construídas circulavam pela sociedade através dos discursos no intuito de sustentar e fundamentar o processo de regulamentação e institucionalização. É neste cenário social que as práticas corporais oriundas das manifestações culturais do povo africano sofrem tentativas de serem banidas através de discursos proferidos por leis e decretos.

Essas verdades são reafirmadas através de promulgações de decisões de ordens jurídicas que vão direcionar o “poder disciplinar”⁵ aos que ofereciam riscos à ordem pública. Assim, a Capoeira foi enquadrada no código penal instituído através do Decreto 847, em 1890, no Capítulo XIII, Dos Vadios e Capoeiras, em seu Art. 402⁶.

Desse modo a Capoeira, apesar de ser proibida e reprimida, era praticada nos terreiros, festas de largo e nos quintais. Sua forma de transmissão se dava por meio da oralidade entre uma geração e outra. Essa forma de transmissão durante o processo de ensino aprendido da Capoeira foi também uma realidade em Vitória da Conquista-BA nas décadas de 1950 e 1960. A disseminação pautada pela oralidade assume uma característica própria, devido o próprio contexto histórico-social da cidade, o qual abre precedente para a reflexão sobre entendimento acerca da presença e da permanência da Capoeira em Vitória da Conquista em meio aos conflitos e tensões nesse período.

O município de Vitória da Conquista está localizado na Região Sudoeste da Bahia. Essa localidade, foi constituída através de relações étnicas raciais diversas. Registra-se a existência dos povos indígenas Kamakan, Ymboré e Pataxó, anteriores à

⁵ O poder disciplinar é um dos temas de investigação filosófica presente nas obras de Michel Foucault. Procura analisar as práticas sociais e jurídicas na relação estabelecida entre o poder e o saber no sentido de enfatizar na investigação de como a sociedade é controlada de acordo a disseminação do poder vigente em cada período (epsteme) desde a época clássica até a sociedade moderna. Este poder, nos estudos de Foucault (2005), se reflete sobre o corpo do indivíduo ao ser controlado e vigiado. Dessa forma, a atuação do poder disciplinar durante o processo de criminalização e descriminalização da prática da Capoeira na sociedade é discutida no artigo de Silva e Marta (2016) intitulado “‘Dos Vadios e Capoeiristas’ à Emergência do “Esporte Genuinamente Brasileiro”. Disponível em: http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/49/1477694131_ARQUIVO_artigodejonatan.pdf

⁶ Art. 402. Fazer nas ruas e praças públicas, exercícios de agilidade e destreza corporal conhecida pela denominação Capoeiragem: andar em carreiras, com armas ou instrumentos capazes de produzir lesão corporal, provocando tumulto ou desordens, ameaçando pessoas certas ou incertas, ou incutindo temor de algum mal; Pena – de prisão celular de 2 a 6 meses. A penalidade é a do art.96. Parágrafo único. É considerado circunstância agravante pertencer o Capoeira a alguma banda ou malta. Aos chefes ou cabeças, se importará a pena em dobro.

chegada dos bandeirantes. A chegada dos portugueses nessa região foi motivada pela crise financeira enfrentada por Portugal, o que os levou a uma situação de dependência da Inglaterra. Numa tentativa de reversão, investia-se na colonização e exploração das riquezas naturais.

A constituição da cidade de Vitória da Conquista-BA e a ocupação do seu território seguiram as premissas habituais dos bandeirantes. Conforme os estudos de Santos (2016), eles construíram um imaginário coletivo pautado em atos de heroísmo, quando, em verdade, escamoteavam a barbaridade na lógica do povoamento do interior brasileiro. Ainda de acordo esse autor, encontramos o registro da primeira aglomeração humana, em 1783, impulsionada pela construção da capela de Nossa Senhora das Vitórias, em agradecimento pela dizimação dos povos indígenas, o que representou um marco de memória do colonizador na batalha com os povos indígenas da região, utilizando o discurso religioso como sustentação para o massacre ocorrido (Santos, 2016, p.31).

AS MEMÓRIAS DO RACISMO NAS DÉCADAS DE 1950 E 1960

Os primeiros registros da presença da Capoeira em Vitória da Conquista-BA foram trazidos a partir dos relatos orais do Mestre Donizete e sua trajetória de vida abrangendo a Capoeira como a primeira prática corporal vivenciada por ele durante o final das décadas de 1950 e 1960. Ele é apontado na cidade como único mestre de Capoeira da atualidade que iniciou sua prática ainda nas décadas de 1950, no quintal da casa de um capoeirista da época, denominado “Deodato”. Ao narrar sua história de vida, assim como a de seus antepassados em Vitória da Conquista-BA, o Mestre Donizete relatou:

Meu avô era negro, então já vem no sangue, a Capoeira está no sangue, não tem jeito. Eu nasci aqui na década de 1950, o Deodato era vizinho, nosso vizinho. Então foi o primeiro esporte que tive contato. Ali na “Praça do Gil”. Era chão puro. Tinha as peladas de futebol e ali a gente aproveitava para brincar a Capoeira. E o Deodato era vizinho, morava na rua subindo a Rua do Mandacaru, no Bairro Recreio. Então foi ali que tive contato com os dois esportes, primeiro foi futebol depois foi a Capoeira. Capoeira ficou assim mais marcada na época (...) ver o berimbau, a musicalidade, marcada⁷.

⁷ Entrevista concedida ao autor por Donizete Gomes Lemos em 12 de agosto de 2017, na cidade de Vitória da Conquista-BA.



Segundo Mestre Donizete, naquela época, não havia a prática da Capoeira de forma sistematizada, o que havia eram os capoeiristas que se “desenvolviavam” sem a presença de um mestre, treinando e praticando nas ruas. Ele diz ter iniciado a prática com Deodato, “embaixo de um ‘pé de manga” e complementa:

[...] era no quintal da casa. Na casa dele mesmo tinha um pé de manga, passei lá hoje e esse pé de manga ainda estava lá. O “Benzin” - o tio dele morreu e essa casa ficou jogada muito tempo. Como era uma rua de pessoas de classe média, eles fizeram um muro bacana por conta dos vizinhos, para não ficar feia a rua. Lá tinha o pé de manga, debaixo dele não tinha nada. E não era chão de cimento. Esse negócio de cimento, isso aqui é novo⁸.

O lócus de prática da Capoeira na cidade apresentado pelo mestre Deodato se aproxima do lugar em que o negro e as práticas, advindas das suas manifestações culturais, são colocados na sociedade a partir dos estudos de Santos (2018). A pesquisa sobre o “sofrimento psíquico gerado pelas atrocidades do racismo” mostra que “a população negra vive “encurralada” com pouca ou nenhuma chance de ultrapassar a barreira econômica que lhe é imposta, mantida através do imaginário social que lhe confere o lugar do destituído” (Santos, 2018, p.155).

Nesse sentido, os locais de prática da Capoeira, o quintal de casa e a rua, eram lugares de resistência às condições impostas pela sociedade regida pelo poder das famílias endogâmicas e dos coronéis de Vitória da Conquista-BA durante as décadas de 1950 e 60, as quais interferiam diretamente na disseminação da Capoeira enquanto possibilidade de prática corporal no município. No relato a seguir, o Mestre aponta as relações de dependência e subordinação de algumas famílias a outras que estavam em uma posição de maior poder aquisitivo e prestígio político:

[...] Na época, o governador tinha os “fazendeirões”, os coronéis. Naquela época, eles falavam: ‘os coronéis de patente comprada’. Não é coronel que veio de soldado não. Tinha a patente de coronel só porque tinha poder sobre os pobres. Então meu pai perguntava para quem ele tinha que votar naquela época, perguntava para esse coronel. Esses caras antigos daqui, eles não tinham (...). Eles só tinham dinheiro e poder porque o governador dava o poder para eles. Eu vivi este tempo, eu era menino nesta época. E meu pai dizia: “quando você ver esses caras, você ajoelhe e dá benção”. Capoeirista não pedia, mas quando chegava em casa o pau comia! Eu não aceitava nada! Chegavam lá em casa e

⁸ Entrevista concedida ao autor por Donizete Gomes Lemos em 12 de agosto de 2017, na cidade de Vitória da Conquista-BA

diziam: “olha seu filho não pediu a benção não, viu?”. Já querendo comandar você. E era assim mesmo, era desse jeito⁹.

Como pode ser observado, o Mestre traz a configuração do poder local estruturada em troncos familiares que se organizaram desde o século XIX. Esse fenômeno, conforme Souza (2005), é tratado por endogamia conquistense e traz em seus estudos e pesquisas que João Gonçalves da Costa e seus descendentes seriam o núcleo inicial da formação de parentelas que, ao longo do século XIX, passariam a controlar a estrutura econômica fundamentada na pecuária. O poder endogâmico controlava toda a superestrutura, em seus aspectos políticos, jurídicos e ideológicos, incluindo aqui as práticas corporais e culturais. Essas famílias controlavam o principal meio de produção (a terra) e as principais atividades econômicas (Souza, 2005). A liderança exercida seguia uma precedência característica do coronelismo típico do mandonismo local da Primeira República, herdado dos conquistadores da região, ainda no período colonial (Souza, 2005), um poder de caráter oligárquico¹⁰.

É importante ressaltar que o nome “coronel” era atribuído, “dado”, conforme o relato do Mestre, a todo aquele que exercia o poder político. Gozava do *status* de coronel desde o chefe de polícia, até os grandes fazendeiros e proprietários de terra (Martins; Dias, 2017). O poderio das famílias¹¹ – endogâmico – caracterizou as relações no município que desenvolvia um sistema semelhante a outros municípios brasileiros nesse período. Esse sistema, segundo Leal (1997), pode ser caracterizado pelo: coronelismo, mandonismo, falseamento do voto e a desorganização dos serviços públicos locais.

O “coronelismo” pode ser explicado como resultado da superposição de formas desenvolvidas do regime representativo a uma estrutura econômica e social inadequada. Não é, pois, mera sobrevivência do poder privado, cuja hipertrofia constituiu fenômeno

⁹ Entrevista concedida ao autor por Donizete Gomes Lemos em 12 de agosto de 2017 na cidade de Vitória da Conquista-BA

¹⁰ Mais detalhes sobre o coronelismo, consultar: SPINELLI, J.A. Coronéis e oligarquias na Primeira República. Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN. Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, 1992. Disponível: http://www.fundaj.gov.br/geral/observanordeste/spinelli_05.pdf. Acesso: julho de 2017.

¹¹ Os estudos de Aguiar (2007) definem a localização de Vitória da Conquista-BA como uma encruzilhada, por onde passavam boiadas e tropas vindas da região do Rio São Francisco e de outras paragens. Esse território era pouso obrigatório para descanso de caixeiros viajantes, tropeiros e vaqueiros, bem como de tropas e boiadas. Isso torna a cidade favorável ao convívio e relação entre os diversos povos, mesmo sob o comando dos coronéis que viviam na localidade de Vitória da Conquista.

típico de nossa história colonial. É antes uma forma peculiar de manifestação do poder privado, ou seja, uma adaptação em virtude da qual os resíduos do nosso antigo e exorbitante poder privado têm conseguido coexistir com um regime político de extensa base representativa. Por isso mesmo, o “coronelismo” é, sobretudo um compromisso, uma troca de proveitos entre o poder público, progressivamente fortalecido, e a decadente influência social dos chefes locais, notadamente dos senhores de terras (Leal, 1997. P. 23). O coronelismo foi um dos fenômenos mais marcantes da história política brasileira, especialmente no período que se convencionou chamar de Primeira República ou República Velha, compreendido entre os anos de 1889 e 1930. Existem divergências quanto sua continuidade ou não após o período citado (Souza, 2005).

Essa estrutura é remanescente do período colonial que privilegiava grandes propriedades e um sistema produtivo de latifúndio com mão-de-obra escrava, solidificando as relações de poder, conforme podemos compreender melhor nas pesquisas e análises realizadas por Souza (2005) a respeito do poderio endogâmico de Vitória da Conquista.

O processo de ocupação desenvolvido no Sertão da Ressaca, pelo bandeirante João Gonçalves da Costa, seus filhos e comandados, foi marcado por uma conduta de verdadeira ocupação e privatização da área. O território conquistado foi tratado como área privada, passada nos testamentos para os herdeiros dos conquistadores, alienada, quando conveniente pelos mesmos. Os compradores, famílias oriundas de outras regiões, se integrariam ao longo do século XIX, aos troncos familiares já fixados na região. A posse da terra e o controle das atividades econômicas na região ficaram efetivamente sob o controle privado das famílias potentadas. A cidade, e as questões pertinentes à administração, também, foram controladas pelas mesmas famílias. Era a consolidação do poder privado, originado no mandonismo, herdado dos conquistadores da região, ainda no período colonial (Souza, 2005, p.4).

O mestre Donizete relatou que, naquela época, a Capoeira ainda era tida como um problema social, mesmo não sendo mais considerada como um crime previsto no Código Penal, as autoridades conquistenses não acompanhavam a atualização das mudanças nas leis brasileiras e ainda se utilizavam de um discurso ideológico para justificar os seus abusos dizendo que “*as informações demoravam a chegar, então para*



a polícia, a gente era vadio”. Esse fato é reafirmado ao falar da prisão do seu mestre, Deodato:

[...] já tinha prendido o Deodato por prática de Capoeira. Era prendido para ser investigado, mas não era para ficar preso”. Ele ainda completa: “Antigamente, o Capoeira não poderia ter um nome. Pra você ver onde começa o preconceito. A polícia dizia que todo capoeirista era vagabundo. Então tinha que inventar um codinome¹².

Apesar da Capoeira não constar mais no Código Penal, não ficou evidente o motivo da prisão do Mestre Deodato em Vitória da Conquista nos anos de 1960, levando seus “discípulos” a concluírem que esse fato foi ocasionado devido o racismo, por ele ser negro e praticar Capoeira, retomando a lógica do século XIX, de pensar o lugar do capoeirista na sociedade como indivíduo “criminoso” e “vadio”. Sobre esse pensamento racista, Santos (2018) afirma que:

O racismo constitui-se num processo de hierarquização, exclusão e discriminação contra um indivíduo ou toda uma categoria social que é definida como diferente com base em alguma marca física externa (real ou imaginada), a qual é re-significada em termos de uma marca cultural interna que define padrões de comportamento. Tomando como exemplo, a cor da pele sendo negra, caracterizada como marca física externa, pode implicar na percepção do sujeito ou grupo, através de estereótipos, tais como preguiçoso, agressivo e alegre, caracterizando como marca cultural interna. (Santos, 2018, p.150).

A cidade se distanciava das discussões realizadas no cenário nacional sobre os rumos que a Capoeira tinha tomado no contexto brasileiro, já que a Capoeira havia sido institucionalizada enquanto “*esporte genuinamente brasileiro*” por Getúlio Vargas, culminando no processo de descriminalização naquela época (Silva; Marta, 2016)¹³.

Embora o Mestre Donizete tivesse sido pertencente à classe média da cidade, os valores adquiridos na Capoeira, a partir da vivência com os demais, fizeram com que ele refletisse sobre as práticas racistas presentes em seu próprio recinto familiar, regido por descendentes dos próprios coronéis e fazendeiros supracitados. Ao falar do

¹² Entrevista concedida ao autor por Donizete Gomes Lemos em 12 de agosto de 2017, na cidade de Vitória da Conquista-BA

¹³ Neste ponto, retomamos uma idéia discutida partir de Silva e Marta (2016) para discutir Capoeira no século XIX, na qual foi praticamente vista não como um esporte, mas como um dano, uma prática desordeira de dada ordem pública. A ideia destes autores também traz uma discussão sobre como a Capoeira no século XX sofria as consequências dos mecanismos disciplinares do Biopoder, que levou em consideração a produção de verdades que fez emergir um novo olhar social em torno da Capoeira, considerando-a como “Esporte genuinamente brasileiro”.



silenciamento que manteve durante anos, referindo à proibição de sua família à prática de Capoeira, ele recorda as cenas racistas que predominavam “naturalmente” em meio comportamento de sua família ao dizer que

[...] Falar pra sua mãe que você fazia Capoeira era completamente proibido. Minha Vó era racista. Eu lembro que a mãe da minha mãe, a empregada não podia ir na sala, não podia comer sobremesa, eu me lembro disso, falava assim: “tem um neguinho aí te procurando”, neguin. O pai dela deve ter tido escravo quando ela era pequena. Era família aqui de Beassunssê, Caculé, aqueles lugares de Coronelismo. Então até pouco tempo era assim¹⁴.

Dessa forma, as próprias tensões silenciadas¹⁵ nesses conflitos sociais e étnico-raciais são reforçadas a partir daquilo que o próprio poder público faz com as pessoas, levando-as a cometerem as mesmas atrocidades para com seus próximos, apesar de os motivos das disputas ocasionadas entre os grupos organizados nos bairros não terem uma justificativa explícita que demarcam a origem e a perpetuação desses conflitos.

Desse modo, Lara (2007), ao apontar registros do período colonial sobre os significados das palavras de acordo a classificação social com base na cor, mostra que esse fator era uma condição que separava os “escravos” dos que eram “livres”, dizendo que, mesmo “que todos os negros, (...) fossem ou tivessem sido necessariamente escravos, a cor era um importante elemento de identificação e classificação social” (2007, p.144). É perceptível, dessa maneira, uma via de mão dupla geradora das tensões, já que, ao passo que o próprio sistema político, regido pelos resquícios do poder exercido pela elite de outrora na cidade, tensiona as práticas culturais oriundas do povo negro para banir suas existências, as memórias dos mestres destacam disputas de legitimação, traduzindo os “dispositivos” de poder que o próprio sistema usou para

¹⁴ Com o nome de Imperial Vila da Vitória, o município apresentava uma população Livre, com 11.619 habitantes, e de População Escrava, com 1.846 habitantes, segundo dados do censo de 1870 (Ivo, 2004). De acordo Nascimento (2008), essa população negra se constituía de pessoas em sua maioria nascidas no Brasil, um número balanceado entre mulheres e homens. Isso nos leva a pensar que a chegada dos povos negros na região talvez tenha ocorrido anteriormente à chegada dos portugueses. Nas pesquisas e estudos realizados por Idelma Novais (2008), a população negra escravizada exercia funções diversas, tais como: fiandeiras, costureiras, oficiais e aprendizes de carpina, oficiais de ferreiro, oficiais sapateiros, ourives, pedreiros, telheiros, lavadeiras, cozinheiras, jardineiros, carreiros, mucamas, cocheiros, carpinteiros, além de serviço doméstico e em lavouras. A partir daí, já se evidenciava a construção social negra presente nos quilombos/mocambos da cidade.

¹⁵ O silenciamento é discutido nos trabalhos de Michael Pollak (1989), que trás a memória subterrânea apresentada em *Memória, esquecimento, silêncio*. Ele apresenta uma oposição à memória institucional, as memórias subterrâneas, dos grupos marginais, dos excluídos, que são as memórias do sofrimento e da dominação.



tensioná-los¹⁶.

AS MEMÓRIAS DO RACISMO EM VITÓRIA DA CONQUISTA DURANTE A DÉCADA DE 1970

Essas tensões se estenderam por toda década de 1970 na cidade, já que houve uma dinamização comercial e um crescimento populacional considerável com construção da rodovia Ilhéus–Lapa (Avenida Brumado), na década de 1940 e, em seguida, a construção da BR-116 – Rio–Bahia, (Avenida Presidente Dutra, atualmente denominada de “Avenida Integração”), o que tornou a cidade um ponto de irradiação, “encruzilhada”, para os grandes centros nacionais.

Dessa forma, a cidade vivenciou as contradições de um modelo econômico que priorizou os lucros, sendo palco do progresso econômico, de um lado, e de uma pobreza generalizada da população de outro, (Tanajura, 1992). Isso levou a cidade a ser identificada pela divisão em duas localidades separadas pela BR-116: “Lado Leste” e “Lado Oeste”.

Esse fato é reforçado por Corrêa (1995), ao retratar que o espaço da cidade “[...] é fortemente dividido em áreas residenciais segregadas, refletindo a complexa estrutura social” (Corrêa, 1995. p.8). Dessa maneira, levamos em consideração que a cidade é uma construção social pertencente a uma sociedade desigual.

A divisão da cidade em dois lados, Leste/Oeste, representava uma concentração de pessoas pobres do lado Oeste e de pessoas com alto poder aquisitivo do lado Leste, embora houvesse a existência da pobreza em ambos os lados. Segundo Santos e Almeida (2009), estas últimas eram favorecidas com o centro administrativo e de serviços, o que representa uma separação social, sedimentada por uma barreira geográfica urbana real. Apesar de ser nítido o desenvolvimento urbano da cidade, e a importância de ter se constituído geograficamente uma “encruzilhada” interposta entre o litoral e “os sertões”, é necessário questionar: De que forma as práticas corporais oriundas do povo negro sobreviveram na cidade? Em quais espaços isso era possível?

¹⁶ Para mais informações sobre o processo de disseminação da Capoeira em Vitória da Conquista sugerimos a leitura da dissertação de mestrado de Silva (2018), intitulada “*Capoeira não pede benção à coronel*”: os mestres e a memória da disseminação da Capoeira em Vitória da Conquista-BA (1950-2000), do Programa de Pós-Graduação em Memória: Linguagem e Sociedade da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia-UESB.



De acordo com Ciconello (2007), em qualquer situação, o racismo institucional sempre coloca pessoas de grupos raciais ou étnicos discriminados em situação de desvantagem no acesso a benefícios gerados pelo Estado e por demais instituições organizadas. Assim, as práticas corporais oriundas do povo negro em Vitória da Conquista eram alocadas geograficamente a partir da divisão da cidade.

Apesar de a cidade presenciar um momento de desenvolvimento econômico, expansão do comércio e crescimento populacional, isso não impediu que os capoeiristas sofressem discriminação. Esse comportamento influenciaria sobremaneira, no trabalho do Mestre Sarará em relação à existência de uma divisão socioeconômica que se expressava no preconceito entre os dois lados da cidade, dividido pela BR-116.

Nesta mesma linha de raciocínio, ele continua dizendo que: (...) *o pessoal do lado de lá não vinha treinar aqui. Não tinha Capoeira lá.* (referindo ao outro lado da cidade). *Quando eu falava que minha academia era no bairro Alegria, o pessoal falava: ‘do lado de lá eu não vou não, não caio nessa não’. Eles não vinham do lado de cá não*¹⁷.

Imagem 1. Primeiro espaço de Capoeira na casa do Mestre Sarará (1970)



Fonte: Acervo pessoal do Mestre Sarará. Acesso em Agosto de 2017.

O lugar social que o Mestre Manuel Sarará ocupou nesse espaço mostra com evidência as disputas e conflitos de espaço, fortalecidas pela configuração geográfica da cidade, além de preservar um imaginário, preconceituoso, construído acerca da população que estabelecia suas moradias nas proximidades da “Lagoa do Jurema”,

¹⁷ Entrevista concedida por Manuel Alves Fernandes, o Mestre Sarará, no dia 17 de Maio de 2017.



espaço que abrange o Bairro Alegria, onde se encontra a academia do Mestre Sarará. Em virtude disso, a lagoa referida se tornou uma Unidade de Conservação em 2007, através da Lei nº 1.410¹⁸, que disciplina o Código Ambiental do Município de Vitória da Conquista-BA, no seu art. 23, inciso II, passando a ser denominada de “*Parque Municipal Urbano da Lagoa da Jurema*”. O parque está localizado no Bairro Jurema, Zona Oeste da cidade, às margens da BR-116.

Ao redor desse Parque, ao longo dos anos, formou-se uma área residencial mediante ocupação, chamada de “Alegria”. Conforme estudos de Alves (2013, p.70) essa área:

[...] vem sendo historicamente ocupada de forma irregular pela população, o que aumenta os riscos de vulnerabilidade socioambiental, cujos moradores do entorno são desprovidos de estruturas básicas de saneamento, serviços urbanos e equipamentos comunitários essenciais, culminando na apropriação dissonante com os preceitos legais sobre áreas de Unidade de Conservação.

O Mestre Sarará enfrentou conflitos e tensões no seu processo de estabelecimento na cidade, tanto no que diz respeito à moradia, quanto no que se refere ao estabelecimento de sua academia localizada às margens de espaços não planejados - “às margens da BR-116, numa área sem infraestrutura adequada para moradia”, conforme Alves (2013, p.70). Dessa forma, o local se associava à materialização da segregação socioeconômica da cidade.

Nos relatos do Mestre Sarará, em relação à referência ao “lado de lá”, ao “lado de cá”, ao “corte social”, produzido pela BR-116 – a Avenida da Integração - é possível retomar as análises de Santos e Almeida (2009), ao se referirem a essa rodovia/avenida como um divisor simbólico da segregação em Vitória da Conquista-BA, concluindo o seguinte:

A ocupação da área da ‘Lagoa do Jurema’ revela a exclusão da população de baixa renda que, numa constante luta contra as adversidades socioambientais pela sobrevivência, se instalou nesse ambiente insalubre com péssimas condições de infraestrutura e de moradia, cujas casas apresentam bases estruturais inseguras, com infiltrações e rachaduras aparentes, em que os riscos de desmoronamento são eminentes [...] Enfrentando constantemente ordens de desocupação da área por parte do poder público, o qual se apoia no argumento de que é uma área de proteção ambiental e que, portanto, não pode ser

¹⁸ Disponível: http://www.pmvc.ba.gov.br/wp-content/uploads/CODIGOMUNICIPAL_meioambiente.pdf. Acesso: setembro de 2017.



residencial de acordo com os preceitos do código de meio ambiente do município (Alves, 2013, p.70).

Esses dados revelam, a partir de uma perspectiva ideológica, o lugar social que as pessoas ocupavam em Vitória da Conquista-BA. Assim, a cidade apresenta-se dividida de dois lados delimitados pelas condições de infraestrutura. Isso determina os locais e os tipos de práticas corporais que a cidade assumiria neste determinado espaço e tempo. De um lado, prevalecia a sobrevivência da Capoeira, através do Mestre Sarará, condicionada aos fatores estruturais em meio à resistência ao preconceito e desigualdades sociais para manter a prática corporal e promover a disseminação da Capoeira. E do outro, a manifestação de práticas corporais nas quais ocupavam espaços institucionalizados e específicos para atender a demanda da população da classe média, já que a Capoeira não fazia parte daquilo que a mídia disseminava enquanto possibilidade de prática corporal.

Era nesses lugares que a Capoeira se tornava símbolo de resistência, assim como uma prática corporal que tentava superar todas essas mazelas sociais observadas nos relatos do Mestre, que apresenta, também, a negação do seu pai:

Meu pai não gostava não. Ele nunca queria que eu jogasse Capoeira, quando ele descobriu, eu já era professor já. Aí ele aceitou né. Ele me colocou do lado da academia assim e mandou eu jogar pra ele ver,(...) e ele falou tá tudo bem e saiu¹⁹.

Por outro lado, contou com o apoio da mãe que, nos momentos difíceis, motivava a não desistir: “*como é que Deus lhe dá um negócio e você vai pular fora? Você tem que ir pra frente*”. Essa resistência aumentou sua determinação quanto à necessidade e importância da continuidade e preservação da Capoeira.

Podemos perceber também que as memórias da Capoeira trazidas por ele carregam alguns signos nesse espaço de legitimação de sua prática perante outras dentro da cidade. Essas disputas de espaço se configuraram a partir de tensões geradas pela presença de outras práticas corporais na cidade, as quais legitimavam as artes marciais como modalidade esportiva. Por isso, é possível perceber a necessidade de mostrar legitimidade perante o público que assistia as rodas de Capoeira realizadas nas ruas,

¹⁹ Entrevista concedida por Manuel Alves Fernandes, o Mestre Sarará, no dia 17 de Maio de 2017.



praças e feiras livres, o que também era uma tática e estratégia utilizada pelo Mestre Bimba. Sobre este acontecimento aqui na cidade, o Mestre Manuel Sarará relata:

[...] o desafio era na roda. Tinha os desafios das lutas também, onde era chamado pessoas praticantes de qualquer luta para ser desafiado dentro da roda, a gente falava assim: “olha pessoal se tiver alguém aí que faz alguma coisa e queira sair na mão pra ver se é forte mesmo pode entrar aqui que a Capoeira tá esperando (...) Já tinha o Karatê de Dalmácio naquela época, tem uns vivos ainda. Tinha o judô, tinha o Boxe do mestre João, tinha o Karatê do mestre Leke, tinha o Kung Fu de Ciprião. Vitória da Conquista tava cheio de Arte marcial²⁰.

Essas disputas de espaço mostraram o lugar social que a Capoeira ocupava, na cidade, nesse primeiro momento, em relação às artes marciais²¹. Era estigmatizada, na cidade, enquanto prática oriunda da cultura negra, que a sociedade sempre pretendeu embranquecer. Isso representa a omissão a qualquer penetração do simbolismo negro-africano, a qualquer sedução da cultura das massas (Sodré, 2002, p.48).

Dessa maneira, o praticante de Capoeira continuava resistindo em meio os discursos preconceituosos impostos a ele na sociedade hegemônica vigente. Assim, os praticantes de artes marciais da cidade, que se situavam “do lado de cá” (lado leste), não precisavam esconder suas vestimentas e muito menos se preocuparem com retaliações, como podemos perceber no relato do Mestre Sarará, ao descrever as indumentárias dos capoeiristas da época:

[...] Hoje o negócio fica bonitinho, o uniforme do Capoeira é padronizado. E naquele tempo era como se fosse os negros da escravidão. A gente ia na feira comprava o saco de açúcar e botava dentro da água sanitária pra embranquecer. Depois que ficava branquinho aí você desmanchava e ele fazia o pano, e mandava minha mãe costurar. Minha mãe era costureira, ela fazia as roupas pra nós. (...) Ela fazia as calças, e as camisa nós comprava pronta, da Hering, aquelas camiseta branca. A calça naquele tempo batia no meio da canela, hoje não o uniforme é bonito bate aqui em baixo, né. (...) a Capoeira de rua, de jeito que você tivesse, o uniforme que você tivesse vestido você entrava na roda.

²⁰ Entrevista concedida por Manuel Alves Fernandes, o Mestre Sarará, no dia 17 de Maio de 2017.

²¹ Após analisar os indícios de infiltração da cultura oriental, na sociedade brasileira, a partir dos periódicos de maior circulação (revistas “Veja” e “O Cruzeiro”), nas décadas de 1970, em São Paulo, como parte da metodologia utilizada em seu trabalho, Marta (2009) difere o uso dos termos “Artes Maciais” e “Artes Maciais Orientais”, em que o primeiro não vai se referir apenas aos sistemas de ataque e defesa com os próprios corpos criados nos países do oriente, sendo um termo também utilizado para designar toda e qualquer técnica de preparação dos seres humanos para a guerra com ou sem utilização de armas, em que essas “artes” tiveram seu espaço junto à cultura corporal do ocidente.



Depois que a academia organizou, eu fiz o padrão da Capoeira de calça branca e camisa branca. Ai ficou tudo bonitinho²².

As vestimentas apresentavam à sociedade um caráter subversivo trazendo o corpo negro como “corpo rebelde” aos padrões estabelecidos de uma sociedade, que na época primava pela busca de um modelo de civilização a partir da apropriação de padrões de outras culturas. Para Sodré (2005), essa forma de rebelar através do corpo faz parte do arcabouço ligado à cultura do negro no Brasil, trazendo a Capoeira como elemento de afirmação de um corpo orgulhoso de sua vitalidade e ciente de seus segredos, de sua mandinga (Sodré, 2002, p.161) para afirmar um estilo “individual”, perante as desavenças, sendo uma forma de “grito de protesto”.

Pode-se dizer, então, que “jogar” Capoeira, nesse período, na cidade, trazia a ânsia de superar os próprios limites estabelecidos pelo sistema, pois “no instante em que se joga, em que se brinca a Capoeira, os movimentos dos indivíduos libertam-se de qualquer causa externa, de qualquer justificativa racional outorgada por outro, possibilitando um desfrute instantâneo do real” (SODRÉ, 2002, p.162).

Dessa maneira, a partir do que foi analisado, o Mestre Sarará nos trouxe, na memória da Capoeira em Vitória da Conquista-BA, possibilidades de percebermos o quanto essa prática corporal começou ocupar novos espaços em meio conflito territorial, mesmo havendo conflitos expressos através de uma disputa por legitimidade na cidade. Desse modo, é evidente a presença de um fio condutor que leva os capoeiristas da época a convergirem seus objetivos para uma reafirmação da cultura negra na cidade, no intuito de encontrarem espaços perante o não reconhecimento da sua presença na cidade.

As tensões e disputas durante o processo de disseminação da Capoeira na cidade enfrentadas através de disputas de cunho socioeconômico e étnico-racial são marcadas por: superação advinda de suas trajetórias de vida pela falta de empregabilidade e sustentabilidade; desmoralização; resistência ao preconceito racial. Em vista disso, de acordo com Lopes, (2004):

No Brasil, a indesejabilidade da discriminação baseada na cor, raça, etnia, orientação sexual, classe, denominação religiosa, porte de alguma

²² Entrevista concedida ao autor por Manuel Alves Fernandes, Mestre Sarará, em 17 de maio de 2017, na cidade de Vitória da Conquista-BA.



deficiência, estilo de vida ou outra situação, leva os indivíduos a organizar o seu referencial de símbolos e significados sociais de uma outra forma. Assim, embora não seja ético orientar sua ação de modo a discriminar, o profissional tende a não perceber as desigualdades ou a insistir em sua inexistência, contribuindo para a inércia do sistema frente às mesmas e, por consequência, para a sua manutenção e/ou ampliação. (Lopes, 2004, p.66).

Os reflexos do racismo na cidade também foram enfrentados pelo Mestre Bell durante os anos de 1970. A expressão deste racismo ficou demonstrada na impossibilidade de dedicar-se exclusivamente à Capoeira e na falta de um espaço propício para receber os alunos interessados em praticar, já que as condições financeiras, para ele, eram precárias. Esse era um fator limitante para disseminar a Capoeira na cidade, como relata o Mestre Bell: *“cheguei a dar aulas em terrenos baldios, assim, em campos, uma hora que não tinha jogo. O poeirão subia”*. Essas condições precárias afastavam as pessoas interessadas em aprender a Capoeira, gerando preconceito e discriminação: *[...] a sociedade discriminava. O barão preferia colocar o filho no judô, que tinha aquelas academias de luxo, porque não arranhava. E eu falava assim: a Capoeira se joga no cascalho ou em qualquer lugar. Qualquer lugar para o Capoeira é uma escola.*

Imagem 2. Primeiro espaço de prática de Capoeira do Mestre Bell



Fonte: Arquivo Pessoal do Mestre Bell

É possível observar um processo contínuo de negação da estruturação de uma academia enquanto espaço de prática de Capoeira, além da evidência de uma disputa que ocorria entre a Capoeira e as artes marciais, práticas corporais escolhidas pela classe média alta e branca na cidade. Podemos perceber que neste período há evidências da



eclosão do processo de massificação das artes maciais, que irá servir de modelo para caracterizar os lugares e as práticas corporais destas classes sociais, ao comparar com os lugares onde os disseminadores da Capoeira se encontravam.

Ele ainda enfatiza a discriminação da sociedade *conquistense* com a Capoeira, corroborando com a reflexão, dessa pesquisa, sobre as tensões no terreno de disputas ocorridas no processo de disseminação da Capoeira, onde diz: “*as mães viam a gente assim, a gente simples né, os neguinhos, às vezes até pela cor, e isso ai foi gerando, até que cessou isso ai, porque Capoeira é praticada por todas as raças né, todas as cores né?*”²³”

Essa discussão se configura como um problema histórico que permanece em nossa sociedade e se revela nas relações étnico-raciais. A desigualdade racial em Vitória da Conquista-BA persistiu nesse período significativamente a partir da presença de uma população composta por brancos e negros, assim como a presença marcante dos povos indígenas. Essa desigualdade racial não é consequência apenas do racismo, mas da “continuação de tais diferenças em longo prazo que sugeriram fortemente a operação de algum tipo de discriminação racial (Monsma, 2013, p.1).

A fala do mestre Bell, citada acima, foi direcionada para esse campo teórico ao responder o questionamento sobre a negação das pessoas em inserir seus filhos na Capoeira e o que levava essas pessoas a terem receio. A princípio, o mestre Bell fala que esse receio estava relacionado à preservação da integridade física da criança, mas em outro momento, fica subtendido que havia uma necessidade de “camuflar” o racismo circunscrito na negação da Capoeira enquanto uma possibilidade de prática corporal para seus filhos. Tanto é que ele compara aos dias de hoje, dizendo que “[...] *hoje a gente vê todas as pessoas de cores e os filhos das pessoas nobres participando das aulas de Capoeira nas academias. Hoje a Capoeira é mais aceita sim*”.

Dessa maneira, percebemos uma luta constante do Mestre Bell para conquistar sua emancipação social e cultural em meio a essas tensões originadas a partir do lugar em que no negro é colocado em Vitória da Conquista-BA. Isso é resultado do processo de marginalização da população negra no Brasil, como mostra os dados estatísticos nos estudos de Carlos Moore (2010). Esse autor enfatiza a decisão política que colocou as

²³ Entrevista concedida ao autor por Alberto Pereira Viana, Mestre Bel, em 24 de maio de 2017 na cidade de Vitória da Conquista-BA.



populações negras as margens por meio da sustentação de um discurso pautado na ideologia da democracia racial, que permitiu o estabelecimento de um racismo estrutural, resultando no quadro de desigualdades sociorraciais revelados pelos órgãos de pesquisas.

A democracia racial brasileira foi capaz de produzir dois “Brasis”, a saber, um branco de origem européia, ostentado pelo controle da renda mesmo representando menos da metade da população do Brasil; e um negro, descendente de africanos, representando mais da metade da população brasileira, vivendo em condições de pobreza. Dois “Brasis” colocados em lados antagônicos e divergentes, conforme assinala Moore (2010). Tudo isso “reforça as estruturas socialmente constrangedoras que marcam o percurso do País e emperram ainda mais as relações entre brasileiros, de origens étnicas diferentes” (Moore, 2010, p.71-72).

Essa política fundamentada no branqueamento da população, resultado da tal democracia racial, impedia a discussão sobre o racismo, ao contrário, a decisão política era apagar a “mancha negra” da História do Brasil, ilustrada pela declaração do Ministro das Finanças, Rui Barbosa, em 1899, quando ordenou que fossem queimados todos os arquivos do período escravocrata que tivessem registros sobre os povos negros (Nascimento, 1978). Essa reação, ao admitir o racismo, é discutida por Santos (2005) quando afirma que existe resistência entre os brasileiros em reconhecer a discriminação racial que se pratica contra a população negra. Ainda hoje, mesmo com a emergência de ações afirmativas²⁴ para as populações negras, criação de registros legais que punem o racismo, ainda não é suficiente para tornar o Brasil em um país com equidade entre os diversos povos.

Na trajetória de vida relatada pelo Mestre Bell, identificamos essas tensões relacionadas ao racismo também quando ele menciona a cor de sua pele: “*os neguinhos*”, “*às vezes até pela cor*”. Essas expressões, carregadas de preconceitos construídos historicamente, refletem a “construção do processo de negação dos elementos da cosmovisão africana e determinam aos afrodescendentes a desvalorização

²⁴ Conjunto de políticas públicas e privadas de caráter compulsório, facultativo ou voluntário, concebidas com vistas ao combate à discriminação racial, de gênero, por deficiência física e de origem nacional, bem como para corrigir ou mitigar os efeitos presentes da discriminação praticada no passado, tendo por objetivos a concretização do ideal de efetiva igualdade de acesso a bens fundamentais como a educação e o emprego. (Gomes, J.B. B, 2005)



peçoal” (Ferreira, 2000. p. 41). Dessa forma, as características fenotípicas da pele são associadas às suas condições raciais e financeiras precárias, o que os coloca numa posição de vulnerabilidade diante da avaliação que coloca o outro no lugar de superioridade. Quanto mais próximo do “*branco*”, maiores serão as chances de ser respeitado.

A inferioridade das populações negras e suas construções civilizatórias passam por processos de negação, de modo que as famílias de classe média e alta preferem incentivar outras práticas. Esse posicionamento se materializa na experiência de vida dos mestres de Capoeira sujeitos, em que registram as dificuldades financeiras que passaram desde a infância, de família pobre, morando em bairros ou loteamentos com pouca ou nenhuma estrutura. Essas também são barreiras sociais enfrentadas para abrir um espaço – academia – para realizar os treinos e também receber pessoas interessadas na prática da Capoeira. Portanto, quando surgem locais, também surgem as impossibilidades de continuidade, devido o espaço não ser elaborado ou estruturado para essa finalidade ou por ter outras práticas simultâneas acontecendo.

O Mestre Bell nos adverte quanto ao comportamento preconceituoso e discriminatório da sociedade em busca de espaços adequados, padronizados pelo ideal de mercado, quando relata que “*a sociedade discriminava (...) e eu falava: “a Capoeira se joga no cascalho ou em qualquer lugar.* Assim, ele nos destaca a presença de uma memória racista em Vitória da Conquista-BA, que influenciou diretamente o processo de disseminação da Capoeira na cidade.

CONSIDERAÇÕES

Entrar na roda, portanto, nos trouxe o sentido e significado de pensar a Capoeira presente no âmago da cidade ao longo dos anos e de seu desenvolvimento. Os estudos sobre os Mestres e a memória da Capoeira na cidade de Vitória da Conquista-BA apontaram indícios de contribuição tanto para o campo de pesquisa que trata a Capoeira como objeto de estudo, quanto para os acervos bibliográficos, tão procurados pelos capoeiristas e pesquisadores que têm interesse pelo assunto na cidade. A relevância social e cultural desta pesquisa está, justamente, no grande apelo das comunidades capoeiristas, sedentas de querer registrar suas histórias, bem como na contribuição para as pesquisas históricas de Vitória da Conquista-BA e do Brasil, tendo em vista o



processo de visibilidade através das narrativas das memórias dos mestres de Capoeira, saberes em certo sentido subversivos.

As ideias presentes neste artigo incitam uma reflexão sobre os valores empreendidos em uma sociedade hierárquica e preconceituosa, já que as histórias locais apresentam grande aproximação com os projetos históricos hegemônicos, em permanentes atualizações que nos fizeram pensar a colonização na contracorrente dos males do atlântico, nos porões do barco da colonização. Isso pode ser pensado pelo avesso, ao valorizar riquezas culturais afro-brasileiras por meio da Capoeira, descobrindo as artimanhas do corpo no processo descontínuo de viver a cultura e conseguir, ao longo tempo, veicular, guardar e ressignificar saberes relevantes na luta pela sobrevivência do negro no Brasil. Mais do que isso, ao persistirem na luta por aquilo que almejavam, mesmo com a desvalorização, falta de reconhecimento e oportunidades ofuscadas pelo racismo e exclusão social, os mestres seguiram trabalhando em prol da Capoeira e por consequência pelo direito à cidade negado ao moradores do oeste de Vitória da Conquista, em outras palavras, em prol dos negros e pobres da cidade. Foi possível perceber que os mestres tensionavam as próprias tensões que tentavam fazê-los estagnar.

REFERÊNCIAS

ABIB, Pedro Rodolpho Jungers. *Capoeira Angola: cultura popular e o jogo dos saberes na roda*. 2004. Tese (Doutorado em Educação). Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas-SP, 2004.

AGUIAR, Itamar Pereira de. *Do púlpito ao baquiço religião e laços familiares na trama da ocupação do sertão da ressaca*. 2007. 330 f. Tese (Doutorado). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2007.

CICONELLO, Alexandre. *O desafio de eliminar o racismo no Brasil: A nova institucionalidade no combate à desigualdade racial*. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/158789355/O-desafio-de-eliminar-o-racismo-no-Brasil-a-nova-institucionalidade-no-combate-a-desigualdade-racial>. Acesso em 08 de junho de 2016.

CORRÊA, Roberto Lobato. *O Espaço Urbano*. 3. Ed. v.174. São Paulo: Ática, 1995. (Série Princípios).

FENTRESS, James; WICKHAM, Chris. *Memória Social: novas perspectivas sobre o passado*. Trad. Telma Costa. Lisboa: Teorema, 1992.

FERRAZ, Ana Emília de Quadros. *O urbano em construção: Vitória da Conquista, um retrato*



de duas décadas. Vitória da Conquista: UESB, 2001.

FERREIRA Ricardo Franklin. *Afro-descendente: uma identidade em construção*. 1ª ed. Rio de Janeiro. Pallas, 2000.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e Punir: nascimento da prisão*. 30. ed. Petrópolis: Vozes, 2005.

GOMES, Joaquim. B. Barbosa. *A recepção do instituto da ação afirmativa pelo direito constitucional brasileiro*. In.: *Ações afirmativas e combate ao racismo nas Américas*. Brasília. MEC-SECAD, 2005.

IVO, Isnara Pereira. *O Anjo da Morte contra o Santo Lenho: poder, vingança e cotidiano no sertão da Bahia*. Vitória da Conquista: Edições Uesb, 2004.

LARA, Silvia Hunold. *Fragmentos Setecentistas. Escravidão, cultura e poder na América portuguesa*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

LEAL, Vitor Nunes. *CORONELISMO, ENXADA E VOTO, o município e o regime representativo no Brasil*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997.

LOPES, F. *Experiências desiguais ao nascer, viver, adoecer e morrer: tópicos em saúde da população negra*. In: BATISTA, L. E.; KALCKMANN, S. (Org.). *Seminário saúde da população negra estado de São Paulo*, 2004. São Paulo: Instituto de Saúde, 2005a. p. 53-101. (Temas em Saúde Coletiva, 3).

MARTA, Felipe Eduardo Ferreira. *A memória das lutas ou o lugar do “DO”: as artes marciais e a construção de um caminho oriental para a cultura corporal na cidade de São Paulo*. Tese (Doutorado), Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 2009.

MARTINS, Wilson Rodrigues; DIAS, Reginaldo Benedito. *CORONELISMO: contaminação crônica da política brasileira*, p. 1-28 Disponível: <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/2287-8.pdf>. Acesso: agosto de 2017.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom; HOLANDA, Fabiola. *História oral – como fazer, como pensar*. São Paulo: Contexto, 2010.

MONSMA, Karl. *Racialização, racismo e mudança: um ensaio teórico, com exemplos do pós-abolição paulista*. XXVII Simpósio Nacional de História – Anpuh. 2013.

MOORE, Carlos. *A África que incomoda: sobre a problematização do legado africano no cotidiano brasileiro*. 2ª ed. Belo Horizonte. Nandyala, 2010.

MUNANGA, Kabenguele. *Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia*. Palestra proferida no 3º Seminário Nacional Relações Raciais e Educação-PENESB-RJ. Acesso em: em 5 nov. 2003.

NASCIMENTO, Washington Santos. *Construindo o “negro”: lugares, civilidades e festas em Vitória da Conquista/BA (1870-1930)*. 2008. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). São Paulo, 2008.

NORA, Pierre. *Entre memória e história: a problemática dos lugares*. Projeto História. Revista



do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História da PUC-SP, n. 10. São Paulo, dez.-1993.

NOVAIS, Idelma Aparecida Ferreira. *Produção e comércio na Imperial Vila da Vitória. (Bahia, 1840-1888)*. 2008. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal da Bahia. Salvador, 2008.

PORTELLI, Alessandro. *A filosofia e os fatos: narração interpretação e significado nas memórias e nas fontes orais*. Tempo, Rio de Janeiro, v 1, n.2, p. 59-72, 1997.

POLLAK, Michael. *Memória, esquecimento, silêncio*. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989.

SANTOS, Juciara Alves dos. *Sofrimento psíquico gerado pelas atrocidades do racismo*. Revista da ABPN • v. 10, n. 24 • nov.2017 –fev. 2018, p.148-165. Disponível em: <http://www.abpnrevista.org.br/revista/index.php/revistaabpn1/article/view/376/471>. Acesso em: 27 de Junho de 2018.

SANTOS, Alexandre de Jesus; ALMEIDA, José Rubens Mascarenhas. *Vitória da Conquista em contraste: a avenida da integração e a luta de classes*. In.: XX Ciclo de estudos Históricos, 2009, Ilhéus. Anais do XX Ciclo de estudos Históricos. Ilhéus. UESV, 2009. V. 1. P.1-8. Disponível: www.uesc.br/eventos/ciclohistoricos/anais/alexandre_de_jesus_santos.pdf. Acesso: maio de 2017.

SANTOS, Janio. *Um olhar (novo) sobre a história de Vitória da Conquista na condição de cidade média*. In.: SANTOS, Janio. (org.) *Vitória da Conquista no século XXI: reestruturação urbana e mudanças em seu papel como cidade média*. Vitória da Conquista, Ed. UESB, 2016.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil 1870-1930*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

SILVA, Jonatan dos Santos. *“Capoeira não pede benção a coronel”: os Mestres e a Memória da disseminação da Capoeira em Vitória da Conquista –BA (1950-2000)*. / Jonatan dos Santos Silva, 2018. 240f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Programa de Pós-Graduação em Memória: linguagem e sociedade, Vitória da Conquista, 2018.

SILVA, Jonatan dos Santos, MARTA, Felipe Eduardo Ferreira. *“Dos Vadios e Capoeiristas” À Emergência do “Esporte Genuinamente Brasileiro”*. Anais eletrônicos do VIII Encontro Estadual de História da ANPUH-BA. Feira de Santana, 2016. Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS). Disponível em: http://www.encontro2016.bahia.anpuh.org/resources/anais/49/1477694131_ARQUIVO_artigod_ejonatan.pdf

SODRÉ, Muniz. *O terreiro e a cidade: a forma social negro-brasileira*. Rio de Janeiro. Bahia: Prosa e Poesia. AMAGO, 2002.

. _____. *A Verdade Seduzida - Por um Conceito de Cultura no Brasil*. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

SOUZA, Belarmino de Jesus. *Peduros e Meletes: disputa do poder local no Sertão da Bahia*. ANPUH – XXIII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – Londrina, 2005. Disponível:



<http://anais.anpuh.org/wp-content/uploads/mp/pdf/ANPUH.S23.0158.pdf>. Acesso: julho de 2017.

TANAJURA, José Mozart. *História de Conquista: Crônica de uma Cidade*. Vitória da Conquista – BA, 1992.

Recebido em janeiro de 2019
Aprovado em março de 2019